

Dever de Casa

Maior devedor do mundo (depois dos Estados Unidos), com US\$ 112 bilhões, o Brasil foi reprovado na sabatina anual conjunta do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial. Enquanto isso, o México ganhou menção honrosa, e a Argentina teve direito a uma segunda época, com a liberação de novos créditos de US\$ 1,4 bilhão do FMI. Alguma orquestração contra o Brasil?

Não. Simplesmente o México e a Argentina (e também a Venezuela) estão fazendo o dever de casa: os novos governos empossados este ano — primeiro o de Salinas de Gortari, no México, depois o de Carlos Andrés Perez, na Venezuela, e, agora, Carlos Saúl Menem, na Argentina — arrengacaram as mangas, convocaram toda a sociedade para repartir o sacrifício de uma política de estabilização e atacaram fundo o saneamento do setor público, procurando privatizar e reduzir o tamanho do Estado.

Os recados que o Brasil recebeu esta semana, em Washington, do presidente George Bush, do presidente do Banco Mundial, Barber Conable, e do diretor gerente do FMI, Michael Camdessus, foram passados à atual administração, em final de mandato. Mas os alvos a serem atingidos eram os candidatos a presidente da República: primeiro, trate o Brasil de sanear internamente sua economia; depois, certamente, terá o apoio e a boa vontade da comunidade financeira internacional.

Não adianta os candidatos tentarem iludir a população de que não serão necessários grandes sacrifícios para o Brasil superar sua crise econômi-

ca. A retórica de que os problemas internos residem fundamentalmente nas pressões do pagamento dos compromissos da dívida externa é conversa para iludir o eleitor. Perez e Menem utilizaram a tática na campanha. Na hora da verdade, assumiram ônus até pesados demais, mas atacaram os problemas da reforma do Estado e da economia.

Em sete anos de convivência com a burocracia brasileira, a cúpula do FMI cansou de ouvir promessas e cartas de intenção vazias. O enfoque estritamente financeiro com que se tentou tratar o problema, também parece claramente superado. O presidente Bush deu um recado cristalino: no momento em que o bloco socialista caminha para uma integração à economia de mercado, os países devedores do Terceiro Mundo não podem continuar com suas economias isoladas e protegidas por barreiras protecionistas e toda a sorte de reservas de mercado.

Isto significa que o caminho para a renegociação do pagamento dos compromissos da dívida em bases que não sacrificuem o crescimento econômico e a estabilidade social passa, necessariamente, pela integração das economias do Terceiro Mundo ao fluxo do comércio e dos investimentos internacionais. Ou seja, o próprio crescimento da importância da economia brasileira (oitava em produto, mas pesando apenas 2% no comércio mundial) se encarregará de propiciar formas criativas para o equacionamento natural das contas do balanço de pagamentos.